

COMO ANDA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Lucia Mexias-Simon (CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

RESUMO

Diante dos fracos resultados dos estudantes brasileiros no Exame Nacional do Ensino Médio, sobretudo em Redação, os professores, as famílias e a sociedade, em geral, se perguntam o que fazer para consertar a situação. Serão os meios eletrônicos de utilidade ou, ao contrário, perigosos ao bom trabalho em sala de aula? Ir à escola e usar, fora da escola, formas que marcam o sujeito como um mau usuário da língua é dizer que não há proveito em ir à escola. A memorização, tida como estar em atraso, não deve ser banida da vida do estudante. O mesmo ocorre com a leitura extra-classe, não muito praticada na atualidade.

Palavras-chave:

Redação. Língua Portuguesa. Ensino de Língua Portuguesa.

RÉSUMÉ

En face les mauvaises résultats des étudiants brésiliennes en le Examen du Moyenne Cours, surtout dans la Rédaction, les professeurs, les familles et la société, en general, se demandent qu'est on doit faire pour sauver la situation. Séra la électronique bonne ou, au contraire, dangereuse au travail dans la salle de classe? Aller à l'école et utiliser des formes linguistiques avec des erreurs, c'est dire que l'école n'est pas nécessaire à la jeunesse. C'est la même chose avec le savoir par Coeur, de laquelle on dit être en retard. Aussi avec la lecture hors la classe, qui n'a pas de prestige chez nous.

MOTS CLÉ:

Rédaction. Langue Portugaise. Enseignement de la langue Portugaise.

A redação em branco do Exame Nacional do Ensino Médio, ENEM liquida milhares de alunos. E textos que fogem do assunto eliminam outros. Se o aluno deixa o texto em branco, isso sugere que o seu repertório sobre o mundo em que vive é lastimável e ele mesmo duvida da sua capacidade de articular ideias. Se a escola não é local de doutrinação, os alunos deveriam estar prevenidos contra autoritarismo intelectual e contra as respostas prontas. No Brasil, isto veio à luz, nas centenas de zeros do ENEM, não contando as notas 01, 1,5, 2,5 em diante. Muitos candidatos deixam de fazer a redação por não saber como fazê-la, ou por não achar importante. Outros não sabem tratar o tema. Desconfia-se de que não saberiam tratar outro qualquer, por falta de familiaridade com a

linguagem escrita, por não saber costurar ideias, ou mesmo por não ter ideias. Há, inclusive, universitários dizendo, em alta voz, nunca ter lido um livro em toda a vida, sendo o professor que o cobra um antiquado, preconceituoso, que não valoriza o entorno social do aluno. Não percebem, talvez, os senhores gestores, que esse discurso tem como consequência uma condenação, para o aluno, a um limbo intelectual, à perpetuidade de uma situação pobre que a família não deseja, nem a comunidade. Com a leitura, não só se adquirem conhecimentos como se aprende a estruturar frases e se refinam ideias. Já se comprovou que com a ampliação do vocabulário, amplia-se a facilidade de raciocínio e vice-versa. Não é decorando um dicionário que se aumenta o Q.I., mas com maior vocabulário assimila-se e expõe-se o pensamento com mais precisão. Aqui, entra, também, a questão da precisão do uso do vocabulário. Palavras usadas vagamente, genericamente, traduzem pensamentos vagos, inseguros, que nada contribuem, nem para o falante, nem para o ouvinte. Por outro lado, não há nenhum ganho em se decorar que o quadrado da hipotenusa é igual à soma do quadrado dos catetos, quando não se sabe o que é hipotenusa, cateto e, talvez, nem quadrado.

A hipótese mais plausível para a prova em branco é que o aluno pouco fez nos seus doze anos escolares.

Há, também, as redações que fogem do tema. O tema é incompreendido, o aluno não sabe o que dizer, porque não sabe o que pensar. Não lhe disseram que deve pensar por si, que deve ter ideia formulada sobre fatos da atualidade, ou antigos. Quando se solicita um trabalho de pesquisa não pronto, como, por exemplo – As mulheres em Machado de Assis – é quase certo o aluno dizer: – Não achei nenhum livro que fale sobre isso! Quer dizer, não achei nenhum livro de onde possa copiar, que já tenha o trabalho resolvido. Atualmente, com a *Internet*, o mais frequente é o aluno deixar para fazer o trabalho, ou pedir a uma pessoa da família que o faça, nas últimas horas antes da data de entrega. O assunto não é assimilado, nem remotamente, a finalidade do trabalho, que é estudar o assunto, se perde. Recebe-se, quando muito, uma resposta fechada, à qual não cabe discussão. O aluno quer passar de ano, a instituição, pública ou privada, não tem interesse em perder o aluno. Fazem-se avaliações modernas, prova em grupo, trabalho, de qualquer maneira, em casa, e outras.

Por outro lado, identificar sujeito e predicado não é questão de opinião. As perguntas da boa escola têm o certo e o errado. As regras gramaticais devem ser seguidas, são a lei, não cabe interpretação quanto ao uso da norma padrão. Devem ser estudadas e seguidas, por ser símbolo

da nacionalidade, por ser o que a sociedade e a família esperam de um jovem que pôde cursar o Colégio. Quem não aprendeu a usar palavras não sabe pensar, não entende as instruções recebidas ou não as leva a sério, o que é pior.

Há um conjunto de conhecimentos canônicos que, como se espera, deve ser passado do educador ao educando. Esses conhecimentos devem ser assimilados, cabendo debate, ou não, mas seguindo normas, como a NGB, que é uma lei e, como tal, deve ser cumprida. É o que se espera da escola, não cabendo à escola recusar tal papel.

Outro ponto a ser considerado é o dito relativismo. Tudo seria relativo, seria uma questão de interpretação, de subjetivismo. Havendo polêmica entre autores consagrados, por que não polemizarmos nós sobre alguns pontos?

Na contramão do mundo, parte da nossa escola abraça o dito relativismo. (cada um tem o direito de achar o que quiser). Assim sendo, se o educando tem o direito de ter sua opinião, haverá uma falta de necessidade de ler, compreender e memorizar o que está escrito no papel. Para que escola, se não é a voz do professor que será seguida, e sim o achar do aluno. Reina nos impérios pedagógicos uma atmosfera que desvaloriza a tarefa de compreender o que está escrito no papel, a liberdade de interpretação é fórmula certa para uma grande balbúrdia mental.

Lembremo-nos de que, se os jovens devem ser prevenidos quanto à lavagem cerebral, porém há perguntas que só têm uma resposta certa, a ser fornecida, sem questionamento, onde não se tem o direito de achar o que se quiser. Existem formas verbais corretas que devem ser usadas, pois o seu não-uso marca o falante como inculto. O jovem pode dizer que não se importa com essa marca, já que seus contemporâneos também usam tais formas. Porém, quando tanto se fala em inclusão social, os educadores precisam pensar que de que tal inclusão passa pelo emprego adequado das formas linguísticas, não servindo de justificativa o maior ou menor número de usuários, ou se autoridades governamentais, verdadeiramente ou não, as empregam não canonicamente. Fala-se em respeitar o falar do aluno, respeitar o ambiente em que ele vive. Nesse caso, para que ir à escola? Diz-se que o aluno aprenderá com a convivência. Convivência com quem, se até os professores usam formas como tamo junto, é nós, na desculpa de que tem que ser moderninhos para conquistar a simpatia dos alunos.

Diante disso, ocorrem centenas de zeros em Redação, nas provas

do ENEM, fazendo com que professores, pais, governantes, tornem-se, no mínimo, preocupados. Apesar do desastre, o assunto não teve o destaque que deveria ter, diante de fatos mais explorados pelos *mídia*, como corrupção etc.

Na verdade, esses fatos estão relacionados. Quando a escola relaxa na exigência de comparecimento, oferece uma segunda chance excepcional ao aluno que não se sai bem na mesma avaliação que os outros fazem, está condenando esse aluno a ser um espertinho aquele que chora para obter exceções, em conseguir o que se espera dele, sem muito esforço, ou a levar uma sub-vida. É comum o professor ser chamado à Coordenação ou à Direção para modificar a nota do aluno X, ou passar um trabalho para ajudar, como se a finalidade do trabalho fosse aumentar as notas. Daí, temos um futuro corrupto. Se o parente médico fornece um atestado para o jovem que vai fazer um passeio com os pais, na época conveniente para esses, não se pode bater panelas contra coisa alguma. Essa leniência parte não só da família, como também de gestores escolares, supervisores, coordenadores e outros envolvidos no processo.

Ouvimos muito falar que a escola deve atender aos interesses dos alunos. Pergunta-se: um jovem de doze, quatorze anos sabe, realmente, quais são seus interesses? Sabe o que é interessante para ele? Infelizmente, não, nem mesmo os mais velhos. Não têm maturidade nem suficiente visão do mundo que lhes permita fazer a escolha adequada. Adequada a quê? Aos interesses da comunidade em que esse jovem está inserido. Não se pode desperdiçar recursos, nem próprios, nem coletivos, para formar um jovem que não vai, com o certificado que recebeu, inserir-se no mercado de trabalho. Essa dificuldade apenas comprova ter o jovem frequentado o curso errado. A falha não é, de fato, do sistema educacional nem do sistema econômico, é da opção. Escolhe-se o curso mais prestigiado, ou, o que talvez seja pior, o mais acessível em termos financeiros, de horário, de proximidade com a moradia.

Quando se menciona a questão do ensino, concorda-se em que antigamente era melhor e, a seguir, diz-se precisar, o ensino, de renovação. Essas duas afirmativas se contradizem. Se antigamente era melhor, a escola (em todos os níveis) não deveria ser renovada e sim restaurada. Adaptar-se aos meios modernos não deveria ser sinônimo de facilitação. Nada de importante se faz com facilidade.

A esse quadro, que já dura muitos anos, acrescentaram-se as explanações acompanhadas de recursos eletrônicos, sempre naquela atitude

de ir ao encontro do interesse dos alunos. A aula passa a se assemelhar a jogos eletrônicos, como já se assemelhava a brincadeiras de programas de auditório. Se não houver um telão, a aula não será boa. Quem leciona, já vinha observando que os alunos copiam do quadro negro, mas não copiam do telão. Modernamente, isso foi contornado: os alunos fotografam o telão. Pergunta-se: para quê? Irão, mais tarde, reler o que foi projetado? Qual a vantagem entre arquivar, precariamente, o conteúdo numa pequena tela de *smartphone*, a recebê-lo em papel?

Por vezes, a explanação é solicitada aos alunos que a retirarão, cuidadosamente, via Internet, sem fazer uma leitura crítica, preocupado, prioritariamente em colocar margens coloridas e diversos tipos de fonte na sua apresentação, para, diante dos colegas, lê-la na íntegra, ignorando, frequentemente, o significado de palavras projetadas, porém crendo, firmemente, que merece uma boa nota porque usou *datashow*. Infelizmente, isso acontece também com os professores, principalmente quando a apresentação tem efeitos especiais. Tal fato ocorre em todos os níveis de ensino: Fundamental, Médio e Superior, não se fazendo generalização. Quando não há uma tela iluminada, com a sala em meia luz, a aula é uma chatice.

Chatice são aquelas letrinhas despencando no data-show. Chatice é o professor projetar um texto e lê-lo na íntegra. Chatice é dar pulinhos nas academias de ginástica e ninguém reclama. Observemos: o aluno anota o que se escreve no quadro (seja de giz ou de pilot) e não anota o que se projeta, até por causa do escurinho, que permite consultar o celular etc. Nem tudo que é necessário é divertido.

O problema não é apenas das escolas brasileiras. Recentemente, apresentou-se, no Congresso dos Estados Unidos, um projeto que, se aprovado, terá força de lei, proibindo o uso de *datashow* nas salas de aula. Embora tenha recebido tal informação via *facebook* que, como sabemos, nem sempre é confiável, dada a intromissão de falsas notícias, não é segredo estarem, também, os norte-americanos preocupados com a superficialidade de conhecimentos das novas gerações.

Não se faz, aqui, proibição de meios eletrônicos ou de outros recursos “modernos”. A Informática veio para ficar, já quase não passamos sem Internet, sem Google, sem Wikipedia e outras armas. Ainda nos lembramos do mimeógrafo a álcool, mas não queremos usá-lo, por lento e dispendioso. A lousa, que há muito não é mais lousa, ainda é um excelente recurso didático. Não sendo cada aula exatamente igual a outra, do

mesmo assunto, ministrada em outra turma, precisamos de um recurso adaptável ao momento, não totalmente pronto, apto a atender a questionamentos dos alunos.

O perigo está em considerar recursos modernos como milagrosos, quando, por vezes, nem eficazes são.

Volta-se à questão do interesse do aluno, com a demonização da memorização. Na vida prática, no dia a dia, usa-se uma infinidade de informações memorizadas: regras de cortesia, regras de trânsito, números de telefone, senhas, trajetos. Sem tal bagagem, (que se vai tornando cada vez tão maior, quanto efêmera, pelas novas invenções) não se poderia nem sair de casa. Na escola (em todos os níveis, repete-se) não se pode usar a memória, é um recurso tão desnecessário quanto ofensivo ao interesse do aluno. Fala-se em raciocinar. Será excelente, porém sempre se raciocina sobre algo já incorporado à bagagem mental. Como raciocinar, por exemplo, sobre a questão indígena sem ter os dados em mente? Há um conjunto canônico de informações que a família e a sociedade querem ver transmitidos a seus filhos, de forma a estarem disponíveis nos arquivos mentais, distintos de outros dados que podem, eventualmente, ser buscados em informativos. Entre dados a ser memorizados, estão as regras elementares de ortografia, gramática e os conhecimentos básicos de matemática. A escola reluta em cobrar a memorização, sempre em nome de um suposto interesse dos alunos, porém contra o interesse das famílias, que estão a supor ser exercida tal prática. “Todo conhecimento é feito de fatos, datas, nomes, que são a base para o voo intelectual mais ambicioso”(CASTRO, *op. cit.*).

Diante deste modelo surge a inevitável resistência: a Cola! A Cola é a resposta do aluno a um modelo do Ensino que, inconscientemente ou não, ele percebe ser extremamente autoritário. Através da Cola, o aluno pode consultar o livro que lhe é proibido no momento da Prova. Ou então consulta-se o colega ao lado, o outro recipiente que talvez tenha sido mais feliz na captação das informações que foram transmitidas pelo professor durante o Curso. As tecnologias da Cola multiplicam-se e, através delas talvez este aluno dos tempos antigos consiga desenvolver mais criatividade em uma única noite de que foi possível a de desenvolver durante todo um curso. Uns tatuam na palma das mãos as informações que lhes serão exigidas. Outros localizam discretamente um livro sob a mesa, talvez pronto para ser lido pela primeira vez, enquanto os alunos mais audaciosos e criativos elaboram habilmente pequenos protótipos de micro-filmes: pequenos rolinhos do papel que contêm todas as informações das quais dependerá a continuidade de sua vida acadêmica. Outros, enfim, desenvolvem sistemas de comunicação à distância, através dos quais comunicam-

se com os dedos, com caretas que representam as letras das respostas das questões de Múltipla Escolha. A Prova do Múltipla Escolha, aliás, encontra neste sistema de Ensino um lugar especial, já que ele prevê respostas únicas em detrimento do todas as demais. (BARROS, J. A., 2012)

Os jovens deixam a escola por volta dos dezesseis anos, quando os pais não os seguram mais, por preguiça (de ambos os lados). É a perpetuação da pobreza. Repito: aula não é *video-show*. É conteúdo, é concentração e é também memorização. Se o mercado de trabalho não absorve o jovem, é porque ele fez o curso errado. Ainda há preconceito contra cursos técnicos, que são uma boa opção.

Se na escola, os jovens pouco leem, ficando quase exclusivamente em copiar-colar, fora da escola lê-se muito menos. A leitura, raramente é incentivada em família. Os pais (homens) preferem os filhos (homens) jogando futebol a lendo romances ou poesias. As meninas preferem os serviços caseiros, alegando, depois, na escola, não ter tempo de ler a obra recomendada. Como os jovens quase nunca veem os pais lendo e, muitas vezes, não têm nenhum material de leitura em casa, não valorizam a leitura, não a procuram espontaneamente. Com isso, não formam ideias, o vocabulário permanece restrito e querem manter esse mesmo sistema na escola.

Entre as pessoas de 18 a 65 anos, 16% estão em postos de apoio: construção, limpeza, manutenção; foram à escola, mas têm dificuldade em ler e escrever e a dissimulam. Mesmo entre funcionários diplomados, se coloca o problema da língua. Têm dificuldade em ler o dever de seus filhos, ou escrever uma receita de cozinha, as situações mais simples do cotidiano. Ficam inibidos e escamoteiam a situação. O iletrismo é difícil de identificar.

A professora de língua Instrumental tem, frente a ela, estudantes com olhares hostis. Cada princípio de semestre é a mesma coisa. Os estudantes de biologia sonham em descobrir os segredos da célula e lhes cobram a concordância verbal. Os professores constatam que um grande número de alunos não sabe escrever e tem dificuldade em compreender as informações e, às vezes, em compreender todo o curso. O mais grave é lhes ser, cada vez mais difícil, construir e expressar seu pensamento.

Fala o presidente de uma instituição de ensino: “todos que não se saem bem no processo seletivo, deverão passar por um reforço – aprofundamento das competências em expressão oral e escrita – 04 horas semanais, durante as quais o professor retoma as bases da gramática e do

vocabulário. Ao todo, 20% dos estudantes do 1º. ano Ensino Superior do têm obrigação de reaprender os fundamentos de sua língua materna, para alguns, como se fosse língua estrangeira; uma parte não negligenciável do fracasso na faculdade deve-se ao mau domínio da linguagem”.

Fala uma professora de Normal Superior: “alguns de meus alunos não sabem fazer um planejamento e escrevem frases sem pé nem cabeça; quanto à ortografia, nem se fala, mesmo os melhores acumulam erros”.

Se os nossos alunos estão em dificuldade é porque o ensino foi massacrado durante anos. Falava-se: “não quero perda de tempo com gramática, ortografia, conjugação, leitura; isso é coisa do passado, nós estamos na escola moderna, daqui para frente, fazemos observação refletida da língua”. Essa é uma ideia revolucionária, extraída do construtivismo. Nessa pedagogia centrada no aprendiz, o aluno constrói seus saber. Abaixo a transmissão, viva a auto-aprendizagem. Mas, que aluno do Fundamental é capaz de reinventar, sozinho, a conjugação de verbos irregulares? Querendo suprimir os exercícios de repetição, que são fastidiosos, fracassou-se em fixar outros métodos nas séries iniciais. Um professor de matemática diz: “os professores construíram sobre a areia e, no vestibular, para mascarar a catástrofe, elaboram questões de que se pode tratar, sem nada compreender, mas que salvam as aparências”. Professores de algumas instituições são convidados a superfaturar as notas de seus alunos em razão dos péssimos resultados, como já se disse.

O mesmo se pode dizer em língua materna. Uma assembleia procurou marcar o retorno ao bom senso, com a reaparição dos velhos clássicos: recitação, redação, ditado, conjugação. Seria ótimo se as nossas escolas adotassem essas práticas, sem receio de que coordenadores e diretores as proibam por serem antiquadas.

Diz uma recrutadora de pessoal: “os jovens não sabem mais escrever e, por isso, não se inserem no mercado de trabalho; há muitas faltas no *Curriculum Vitae*, de ortografia e de sintaxe; e alguns candidatos têm Mestrado”.

Escreve-se muito nas redes sociais. As falhas de ortografia são em grande número, por vezes tornando a mensagem de difícil compreensão, sem falar nas dúvidas quanto á pontuação. O mesmo se pode dizer das falhas de concordância e de regência, do uso inadequado das palavras. Também dos absurdos que se escrevem mostrando desconhecimento do mundo, sem contar com as notícias falsas (e não fake news). Há uso desnecessário e desapropriado de palavras estrangeiras, mostrando que a

pessoa que escreveu desconhece seu significado, apenas quer mostrar-se atualizado e fazer, no seu entender, boa figura. Por vezes, esses escritos são até reproduzidos, em tom de pilhéria, quanto às falhas de Língua Portuguesa. Por vezes, pessoas interessadas repassam regras simples de redação, obtendo, desde agradecimentos até respostas malcriadas, sendo a menor delas: – deu pra entender, tá bom.

A nossa língua está a nos exigir uma afirmação global, a nos cobrar uma responsabilidade para com ela. Impressiona-me que não tenhamos uma política comum a todos os países que falam o português. Quem há de negar que precisamos definir uma grande estratégia cultural de presença no mundo que abranja todo o nosso território linguístico?

Quem há de subestimar a importância da língua? É grande a sua dimensão social, política, econômica e geopolítica. Ela é muito mais que uma ferramenta de comunicação. Nela, não estão armazenados apenas conhecimentos e informações. A língua é a cultura que ela produz. É ela quem nos dá os sentidos. É o universo desenhado por ela que nos referencia e nos singulariza. A língua gera coesão, nos fortalece no mundo globalizado, “é a casa onde a gente mora”. Nela, se deposita *knowhow*, tecnologia. Língua também é economia.¹

O dito construtivismo já fez muitos desastres. Nunca se escreveu tanto e tão mal, já que as pessoas não têm tempo de se reler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José d’Assunção. Palestra pronunciada na Universidade Severino Sombra. 2012.

CHAUÍ, Marilena. A ditadura militar iniciou a devastação da escola pública. In: SOUZA, Paulo Donizetti de. *Rede Brasil Atual*. (versão digital).

GUINOTE, Paulo. *O futuro da educação... ou não*. O Público. Lisboa, 2015 (versão digital).

IOSCHPE, Gustavo. Por que você não faz nada? *Veja, Brasil*. 01.07.2015. p. 76-8.

WEINBERG, Mônica. Sim, você pode ser bom aluno. *Veja, Brasil*. 03.06.2015. p. 80-81.

¹Juca Ferreira, O Público, 03-08-2015

CASTRO Cláudio de Moura. Você sabe estudar? Quem sabe estuda menos e aprende mais. *Resenha da obra*. Ed. Penso.

PARIS MATCH. n° 3373, 09 a 15 de janeiro de 2014; p. 23-6 – editado.

ANEXO:

Comentários do site Quora

Por que o fracasso em Língua Portuguesa?

“Porque os jovens estão distraídos demais no celular para prestar atenção na aula.

Porque os jovens pensam que, fazendo um intercâmbio de um mês (!) no Canadá aprenderão inglês (?) e que isso será garantia de um ótimo emprego no Brasil (!?).

Porque não se pratica mais interpretação de texto, e isso é notório, nas redes sociais, quando jovens vêm comentar respostas e fica evidente que não entenderam lufas do que foi escrito, ou nas vexatórias provas de redação do Enem.

Porque têm-se preguiça de ler qualquer coisa com mais de 250 caracteres.

Porque não é mais feio ser ignorante, pelo contrário, é modinha e até chique porque mostra o quanto você é vítima do sistema vigente, que o obriga a aprender um idioma do qual você não precisa para viver.

Porque só interessa seguir *influencers* (que estão se dando bem às custas dos seguibobos), ouvir música péssima e jogar.

Porque têm preguiça de tudo, inclusive, de estudar, já que falando o Português genérico que se fala por aí, acham que entendem e se fazem entender, então está ótimo. Pouco importa se seu vocabulário está reduzido a 100 palavras, sabendo o básico para não morrer de fome, de sede e pegar alguém, já está bom.

Quando nós, os últimos bastiões da boa e velha Língua Portuguesa, nos formos deste mundo, o Brasil estará entregue a uma espécie de dialeto neolítico, com uma mistura de sons guturais e gestos, ou será jstos???



Extraído do face-book